

Aspectos da prática social, da memória coletiva e do imaginário social dos anfitriões da Praça da Alfândega - sítio histórico urbano de Porto Alegre/RS

Adriana Pisoni da Silva¹

Resumo: O presente artigo apresenta relatos das experiências e das vivências dos artesãos e engraxates que atuam na Praça da Alfândega, espaço urbano que integra o Sítio Histórico Urbano da Cidade de Porto Alegre/RS. O estudo é parte integrante da pesquisa de dissertação da autora defendida no ano de 2006. Categoriza-se os informantes como “anfitriões, para contemplar o entendimento do bem receber, do acolhimento, da hospitalidade dos cidadãos e trabalhadores da cidade para com seus visitantes/turistas. As práticas cotidianas dos agentes informantes são capturadas ao longo do diálogo desenvolvido nas entrevistas e em vários momentos do trabalho de campo, na interação entre as modelações do tempo e do espaço, sendo possível percebê-las no esboço da trajetória de apropriação por parte dos entrevistados. Essa sociabilidade destaca-se no núcleo da Praça da Alfândega devido às características intrínsecas da sua origem e localização, proveniente também da grande circulação de pessoas e do comércio local.

Palavras-chave: Práticas sociais. Memória. Imaginário. Hospitalidade e turismo.

Anfitriões e suas Formas de Habitar o Sítio

As “maneiras de fazer”, alicerçadas na concepção de CERTEAU (1994), são as práticas pelas quais os anfitriões desse estudo habitam o espaço, onde tais técnicas estão organizadas por meio da produção sócio-cultural. A apropriação do espaço por parte destes informantes se dá na constituição das suas práticas na feira de artesanato e das bancas dos engraxates, que fazem parte da memória coletiva do Sítio Histórico Urbano de Porto Alegre. São na efervescência de saberes culturais, artísticos e laborais que se consolidam os seus afazeres cotidianos.

As práticas sociais para CERTEAU (1994), são produtos gerados por princípio coletivos duráveis (*habitus*) historicamente construídos, que não seguem regras artificiais e

¹ Centro Universitário Franciscano. E-mail: adrianapisoni@unifra.br

nem condutas produzidas externamente, mas códigos simbólicos particulares, viabilizadores da compreensão e exploração de possibilidades de combinações de uso do espaço.

A Feira de Artesanato da Praça da Alfândega conta com 70 (setenta) artesãos cadastrados junto a SMIC (Secretaria da Indústria e Comércio) da Prefeitura de Porto Alegre. Existem artesãos que trabalham na Praça há mais de 20 anos e que sustentam as suas famílias com o rendimento da sua atividade profissional. É uma Feira que tem a sua trajetória constituída dos fazeres cotidianos dos seus partícipes. Como relata o artesão Antônio:

*“A feira tem políticas próprias, respeitando a tradição, que já tem mais de 30 anos. Entendo que se modernizar demais, criando muitos critérios perde a espontaneidade do artesão, isso complica inclusive na criatividade do profissional. Hoje se fala muito em inclusão social, em aproveitamento profissional, criar oficinas que despertem a curiosidade na juventude, de gerar emprego, no sentido de tirar as pessoas do atraso, da desinformação. Então acho que é um processo que a gente está realizando com sucesso”.*²

A artesã Jaqueline destaca o horário de funcionamento da feira ao ar livre, que é permanente durante todos os dias de semana, o que não ocorre na maioria das feiras deste tipo, as quais geralmente funcionam aos finais de semana.

*“Estou na praça há 7anos, comecei a trabalhar com artesanato já há 21 anos numa praça de São Paulo. São poucos os lugares que existem assim como esta praça, antes eu trabalhava na Praça da República em São Paulo. Já estou acostumada com este tipo de trabalho. Eu venho todos os dias, de segunda a segunda, nem todos trabalham sábados e domingos, mas eu trabalho”.*³

Constata-se que os artesãos têm as suas lógicas singulares de se apropriar e de habitar o espaço como fica explicitado na seguinte fala, quando Antônio relata as rotinas de uso do espaço habitado:

*“O Monumenta⁴ quer modernizar a feira, colocar num outro lugar da Praça, pelo qual eu brigo, deste de 2000, já há 6 anos, eu não entendo isto como uma solução, acho que vão acabar prejudicando o artesão, mas se não existir uma outra forma, e se é bom pra sociedade, e desde que a gente fique dentro da Praça de alguma forma eu já fico satisfeito, eles não vão estar extinguindo uma classe que surgiu ali. Tão falando em deslocar nós ali para o canto da Caixa Econômica, na Capitão Montanha, não existe espaço físico suficiente para toda feira, é um lugar que tem muito vento, no inverno com a chuva, é praticamente impossível trabalhar ali, só se eles fizerem uma estrutura muito bem arquitetada”.*⁵

² Antônio, artesão entrevistado em outubro de 2005.

³ Jaqueline, artesã entrevistada em outubro de 2005.

⁴ Monumenta é um programa estratégico do Ministério da Cultura e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Sua proposta é de agir de forma integrada em cada um desses locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Além de atividades de capacitação de mão-de-obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, promoção de atividades econômicas e programas educativos.

⁵ Antônio, artesão entrevistado em outubro de 2005.

Observa-se que os procedimentos populares dos artesãos na Feira jogam com a disciplina institucional da vigilância⁶, onde tais procedimentos são evidenciados nos relatos que apontam para a resistência de seguir a regras impostas pelos gestores públicos, tanto com relação à lógica de funcionamento do horário da feira, com horário para abrir e para fechar, quanto com relação à disposição física das bancas quando se observa a condição climática, favorável a tal disposição. Apesar de, na maioria das vezes, serem obrigados a executarem tais regras, os artesãos deixam clara a sua posição contrária.

As práticas desses agentes, na apropriação do espaço, exigem uma organização social e administrativa para facilitar o diálogo entre estes anfitriões e os governantes do poder público e com a sociedade civil organizada. Segue a explicação de Antônio quanto à necessidade dessa organização coletiva:

*“Os grupos que estão na feira se organizaram. Sou da ARTEFAN, que é a associação que representam os artesãos da Alfândega, e então eu via toda uma desorganização dos profissionais liberais que trabalham aqui no entorno da Praça, e comecei a falar com os artistas plásticos de rua, os engraxates, os tribais, uma tribo de índio trabalhando numa metrópole, num centro de uma cidade, isto é curioso e Porto Alegre desfruta disto. Os hippies mesmo que expõem no chão, conversaram com a Câmara dos Vereadores no sentido que eles integralizem e que eles tenham o espaço deles permanente”.*⁷

Com relação às práticas artesanais, os anfitriões artesãos criam produtos provenientes das mais diversas matérias-primas, tais como: fios, couros, miçangas, pedras, sementes, tecidos, madeira entre outras, onde tais técnicas dão forma a bolsas, adereços pessoais, utensílios domésticos, bijuterias e artefatos da cultura regional. Há também os artistas plásticos que pintam telas e criam as suas obras na própria Praça. Tais artistas exploram as temáticas regionais, tais como: cavalos, laços, ferraduras e escudos, e segundo eles, são estes os produtos mais procurados, indício de que o artesanato busca a valorização das raízes e reforça os costumes locais e regionais.

Porém, é preciso inovar e qualificar a produção artesanal da feira, sendo esta também uma das proposições do Projeto Monumenta Porto Alegre. Já ocorreram algumas oficinas, a partir do ano de 2003, coordenadas pela equipe do Projeto e pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). A temática da valorização das

⁶ Ver em FOUCAULT apud CERTEAU Op. Cit. (1994), p. 41.

⁷ Antônio, artesão entrevistado em outubro de 2005.

raízes locais é fonte de criação, sobrevivência e de manutenção desta expressão popular que é o artesanato.

Tal trabalho proporcionou a união do artesão ao *designer*, um contribuindo na criação do outro, o *designer* indicando o aperfeiçoamento para dar qualidade, apontando algumas soluções para a forma e o artesão trazendo a experiência da tradição, das suas “maneiras de fazer” na transformação dos materiais.

A partir daí surge, então, a Coleção Jacarandá, idéia experienciada pelos artesãos, que se lançaram em sua própria pesquisa nos elementos marcantes do seu lugar, da sua Praça. Tal entusiasmo está expresso no depoimento da artesã que trabalha com fios apud AQUILINO (2004):

“Fui presidente da Feira de Artesanato da Praça da Alfândega por oito anos e estou vendo novamente aqui uma luz que já tinha percebido antes, há muitos anos atrás. Isso tudo nos estimula a despertar para um novo processo criativo, para um lado artístico que estava adormecido em nós.”

O resultado do produto, a exemplo da “Coleção Jacarandá”, incorpora elementos como a cor da flor, a semente, e outros que simbolizam o ambiente da Praça florida, das ruas da cidade de Porto Alegre. Para a artesã a proposta dessa coleção, num primeiro momento, trouxe certa insegurança, conforme relata Isabel:

“Alguns dos artesãos estão com medo de perder o espaço da feira porque o projeto da prefeitura é diminuir as bancas de 78 para 50 tirando os produtos industrializados e deixando somente o que é artesanato, gostei das oficinas, mas ainda me sinto insegura com a proposta”⁸.

Uma proposta nova provocou estranhamento nos artesãos que mesmo reconhecendo a intenção principal da qualificação do seu produto, sentiram-se receosos em aderir à idéia. Todavia, com o reconhecimento da qualificação do seu produto pelo público, que também se dá pelo estabelecimento de critérios do que vai ser exposto, onde tal insegurança inicial dá lugar à satisfação profissional.

Por enquanto, a proposta da coleção foi apresentada ao público somente em alguns eventos, como a última Feira do Livro, já com a falta de muitas peças, e há, ainda, alguns objetos que estão expostos cotidianamente na Praça, mas em poucas bancas.

A segunda representação de anfitrião encontra na figura do engraxate. Eles compõem o ambiente da Praça da Alfândega a mais de 50 anos, segundo relato dos mesmos, e

⁸ Isabel, artesã, entrevistada em março de 2005.

ao todo são 21 (vinte e um) profissionais licenciados também pela SMIC (Secretaria da Indústria e Comércio) de Porto Alegre.

A valorização do trabalho desses anfitriões está também na tradição do seu ofício, no brilho das cores, nas técnicas do lustrar, onde os fregueses podem se espelhar nos seus sapatos – são as “maneiras de fazer” que se perpetuam no tempo. Há clientes antigos, fregueses fiéis aos seus engraxates, justificado nos “cuidados” que Júlio dispensa na arte de bem receber do seu ofício de engraxate, diz ele:

“A idéia foi de organizar a classe, nós trabalhávamos com guarda-sóis, cada engraxate tinha dois, e a gente dependia de patrocinador, mas também não era bom porque não tinha como guardar os materiais. Nós do grupo e mais um serralheiro conhecido montamos o projeto desta cobertura retrátil, mostramos para o Banrisul, e eles disseram que pra patrocinar a gente tinha que se organizar numa associação, aí surgiu a Associação dos Engraxates de Porto Alegre. Só aqui na Alfândega são 21 cadeiras, já faz 4 anos que criamos a Associação, mas só aqui que tem esta cobertura retrátil. Trabalho aqui há 15 anos, o dia-a-dia é bom, a luta é pra conseguir os fregueses, o deslocamento de alguns dos serviços públicos para fora do centro. Mas tenho freguês de carteira, cada engraxate tem os seus e eles normalmente são fiéis, se o engraxate deles não está eles passam reto”.⁹

Para manter a tradição do ofício, os engraxates se organizaram enquanto grupo para buscar a qualificação das suas bancas e para estabelecer formalmente um diálogo com a sociedade. São as quatro décadas vividas pelo engraxate Mathias que expressam os laços estabelecidos no espaço e aponta, por exemplo, os entraves enfrentados junto aos procedimentos burocráticos exigidos pelo poder público local:

“Já faz mais de 40 anos que eu trabalho aqui, na época nós procuramos a SMIC para tirar o alvará pra pode trabalha, pra conseguir as cadeiras. Aqui funciona de segunda a sábado, mas o único dia que eu não venho é no sábado”.¹⁰

A Feira dos artesãos e as bancas dos engraxates compõem um espaço de circulação e comercialização possuindo códigos particulares. As práticas exercidas em ambas as realidades são geradas por grupos sociais historicamente constituídos que, ao considerar o *habitus*¹¹, ou seja, os seus códigos particulares possibilitam a compreensão do espaço vivido e habitado por meio das suas práticas.

É o *habitus* do comércio, outrora dos quitandeiros, hoje dos artesãos e dos engraxates, é o *habitus* da diversão, outrora dos cafês, hoje dos museus e centros culturais. São as formas de re-elaboração do espaço a partir das suas novas funções.

⁹ Júlio, engraxate, entrevista em dezembro de 2005.

¹⁰ Mathias, engraxate, entrevista em dezembro de 2005.

¹¹ CERTEAU, Op. Cit. (1994).

Os anfitriões também expressam as preocupações com o acolhimento ao visitante devido os percalços com a segurança e com o cuidado do espaço do Sítio. Os problemas citados por eles são dificuldades e conflitos comuns aos Sítios Urbanos de cidades com uma população numerosa, porque a violência urbana é uma situação global e não específica de Porto Alegre. O engraxate Júlio relata a evasão dos clientes, ao longo das últimas décadas, devido à insegurança no local. Segue a sua fala:

*“Muitos fregueses não vêm por causa da violência urbana, da sujeira, do descaso com as coisas públicas. Aqui precisa de um posto da Brigada, mais segurança, organizar, mais banheiros, local para guardar as nossas coisas, está previsto no Projeto do Monumenta. Tem que organizar os jogos, essas coisas”.*¹²

O fluxo intenso de pessoas, a posição geográfica do Sítio e a malha de transporte público que está nos arredores são fatores que atraem a presença de marginais e a ocorrência de atos ilícitos na área central da cidade. Porém, para os artesãos Antônio, a posição da feira na forma de um “corredor polonês” inibe tais ocorrências:

*“A cidade quase toda desemboca aqui, o metrô, as principais ruas, principalmente o pedestre vem todo pra dentro da praça, então é comum que tenham pessoas mal intencionadas no sentido de bater uma carteira, em se aproveitar do velhinho, mas nunca aconteceram grandes crimes na Praça da Alfândega, dentro da Feira de Artesanato nunca aconteceu nenhum tipo de desordem, nós somos 80 famílias e ninguém pode reclamar de algo grave, para um centro de cidade isto é muito bom”.*¹³

Se por um lado, alguns artesãos acreditam que na Feira o visitante está seguro porque a ocupação do espaço animado inibe a ação de pessoas mal intencionadas, por outro há quem reconheça os problemas de segurança comuns às áreas centrais urbanas das cidades.

Fragmentos da Memória e Configurações do Imaginário

As lembranças das vivências mostram o trabalho da memória que se constitui nos laços sociais, demarcando o espaço de pertencimento do grupo e singularizando uma memória coletiva. Assim, no encontro dos sujeitos a memória coletiva é um dos suportes essenciais para a definição dos laços de identidade que se mantêm no presente.

A memória coletiva refere-se a uma lembrança social, para HALBWACHS (1990), essa memória é exterior ao indivíduo, guarda eventos acontecidos há muito tempo, é a base das memórias individuais, conservando de maneira própria os fatos acontecidos na

¹² Júlio, engraxate, entrevista realizada em dezembro de 2005.

¹³ Antônio, artesão, entrevista realizada em outubro de 2005.

sociedade à qual o indivíduo pertence. Este, por sua vez, precisa recorrer à memória coletiva, quando quer saber sobre fatos que não testemunhou e que fazem parte do seu passado e da sua sociedade.

No relato das entrevistas, a configuração do imaginário social do Sítio Histórico Urbano desta pesquisa, aparece através dos fragmentos da memória dos anfitriões.

Nesses termos, a Praça da Alfândega, na fala do engraxate Mathias - “há 40 anos atrás era uma Praça de rico, tinha os cafés, o Café Praiana, era muito bom”¹⁴ – recupera laços sociais do Sítio da primeira metade do século XX enquanto ponto de convergência de escritores, cronistas, jornalistas; espaço de encontro em torno dos cafés, dos cinemas e das livrarias.

Tanto o grupo de anfitriões artesãos, quanto dos engraxates, expõem suas recordações a respeito da trajetória de apropriação do espaço do Sítio e atribuem valores simbólicos a tais vivências começando pelo relembrar. O relato das sociabilidades nos cafés, do cuidado com o ajardinamento, das mudanças na configuração espacial da Praça, todos são fatos que correspondem a momentos que tais informantes testemunharam, ou ainda, compartilharam experiências coletivas em torno de tais práticas, conforme segue a fala do artesão Antônio:

*“Trabalho com sementes e fibras vegetais. Tenho mais de 30 anos no artesanato e 23 anos em Porto Alegre. Sempre trabalhei no centro, na Rua da Praia, na Sete de Setembro. Trabalhei na Ladeira, depois eu fui pro calçadão da Rua da Praia e depois eu vim pra Alfândega. Foram os bichos grilos que começaram o movimento, depois, o movimento hippie ficou forte em Porto Alegre, chamando a atenção dos deputados estaduais e tais deputados quiseram organizar uma feira de artesanato”.*¹⁵

O artesão Antônio cita a Ladeira, atual Rua General Câmara, muitos nomes antigos de ruas ainda permanecem na memória coletiva dos anfitriões e de parte da população porto-alegrense. A Ladeira foi e continua sendo a ligação mais direta entre as Praças da Matriz e da Alfândega. Outro exemplo de rua que popularmente são lembradas por seus antigos nomes é a Rua da Praia, atual Rua dos Andradas.

A diversidade nas ocupações neste espaço também é descoberta no cruzamento dos relatos com os fatos históricos do Sítio. Hoje, há um grupo de índios que comercializa produtos artesanais, ocupando os arredores da Praça, no cruzamento da Ladeira (General Câmara) com a Rua da Praia (Andradas), onde era o Largo dos Medeiros, um dos tradicionais

¹⁴ Mathias, engraxate, entrevista realizada em dezembro de 2005.

¹⁵ Antônio, artesão, entrevista realizada em outubro de 2005.

pontos de encontro da população na década de 1950. Próximo a esse local, conforme enfatiza a artesã Isabel: “... as pesquisas descobriram que esta praça foi um território indígena, isto fez os arqueólogos se interessarem mais pela praça”¹⁶, assim o indígena se faz presente neste Sítio, referendando a continuidade do uso do espaço através do tempo.

O imaginário poético da Praça da Alfândega aparece nos depoimentos noticiados pela imprensa local dos artistas plásticos, dos escritores, de cronistas, assim como no relato de Antônio e do engraxate Mathias – contam eles:

“Já o dia a dia da praça é uma maravilha, porque tem a feira de artesanato, tem os pássaros, tem as árvores, tem as flores, têm os bancos, o acervo cultural, os idosos, a diversidade é muito grande, a Praça da Alfândega é muito rica em todos os sentidos. Só tenho recordações boas, uma praça que estava atirada, e hoje não está mais. Os prédios, o MARGS, o Santander, tenho prazer de ir nestes lugares. A Praça é algo de poesia, algo bom, que todos tem orgulho de conviver com a velha Praça da Alfândega”.¹⁷

“Tenho fregueses de muito tempo, que vem sempre, me lembro do Mário Quintana, uma vez ele chegou aqui com um sapato azul e outro preto, eu agarrei e perguntei pro rapaz que veio com ele se ele não tinha visto e ele me respondeu que não viu, aí eu fiz os dois pés, ele já estava com bastante idade e ele não viu, então ficou com um azul e outro preto, isto foi uma coisa engraçada, mais o Mário Quintana sempre estava por aqui. Ele era de pouca fala, se falasse com ele aí saía uma conversa”.¹⁸

O imaginário é interpretação por muitos pesquisadores (CASTORIADIS 1982, PESAVENTO 1995, FERRARA 2000) como a representação de múltiplas imagens, onde o imaginar é ir além da imagem e dos símbolos, é conectar as imagens do vivido com as do mundo sonhado. O símbolo aparece como um elemento inicial e necessário para decifrar, interpretar e conhecer o mundo. A força dele é presença no imaginário das pessoas que “vivem” nos centros urbanos e, partindo desse princípio, surge a questão do imaginário social, criação incessante e indeterminada de figuras, formas e imagens.

A poesia também está, por exemplo, na materialização da obra do artista plástico Xico Stockinger, a estátua de bronze de Mário Quintana conversando com Carlos Drummond. A escultura reproduz a imagem dos poetas conversando, eternizando na dureza do bronze o imaginário de uma praça que inspira poesias do cotidiano porto alegreense.

¹⁶ Isabel, artesã, entrevista realizada em março de 2005.

¹⁷ Antônio, artesão, entrevista realizada em outubro de 2005.

¹⁸ Mathias, engraxate, entrevista realizada em dezembro de 2005.

Práticas Sociais do Encontro entre Anfitriões e Visitantes

De quando em quando a rotina da Praça da Alfândega é transfigurada pelo movimento de pessoas dos eventos que, tradicionalmente, animam e atraem um numeroso público. Tais acontecimentos oportunizam um diferente encontro entre os anfitriões e os visitantes, intensificando as suas vivências no espaço através das práticas sociais e motivando o exercício da hospitalidade.

A hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, é uma lei universal. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço. A hospitalidade ocorre numa relação espacializada entre dois atores, entre aquele que recebe aquele que é recebido, entre o visitado e o visitante. Também se dá na esfera coletiva, entre um grupo de indivíduos e uma instituição, entre organização pública, privada ou familiar. No contexto da hospitalidade pública tal acontecimento demanda uma organização, um ordenamento de lugares coletivos. Para CAMARGO (2003), é a hospitalidade que acontece em decorrência do direito de ir e vir e, em conseqüência, de ser atendido em suas expectativas de interação humana.

Para DENCKER (2003) deve-se considerar também a hospitalidade enquanto forma de receber o outro, de exercer a alteridade, de conviver com as diferenças dentro de parâmetros de respeito, tolerância e reciprocidade nos permite pensar na busca da felicidade.

A tradicional Feira do Livro, o tão lembrado Fórum Social Mundial, a Bienal de Artes Visuais do Mercosul e o Natal da Matriz são alguns dos eventos mais importantes que acontecem neste Sítio, e/ou próximos a ele que reforçam o encontro entre anfitriões e visitantes.

Os anfitriões da Praça, tanto os artesãos da Feira da Alfândega, quanto os engraxates, reconhecem os eventos como um segmento forte para a cidade de Porto Alegre, entendem que tais acontecimentos possibilitam a cidade dar-se a conhecer em suas outras atratividades. Segue a fala da artesã Jaqueline:

*“Os eventos são bons, sou fã da Feira do Livro, tem um valor enorme porque traz gente de fora, a Bienal em São Paulo é uma coisa fora de série, maravilhosa, o que tu procura tu acha, mas não é quase visitada, vai só quem frequenta o meio, é só pra uma elite, e aqui não, vem todo tipo de gente, das vila. Faz falta eventos em todas as épocas, o Porto Alegre em Cena fazia encenações aqui no meio da praça e este ano eles não vieram, teatro de rua é muito bom, antes tinha a Feira do Disco, e hoje não tem mais. Tem diversidade, vem pessoa de todas as tribos, vem pessoas da zona sul, da zona norte”.*¹⁹

¹⁹ Jaqueline, artesã, entrevista realizada em outubro de 2005.

Desde o ano da inauguração, 1955, a Feira do Livro cresce e se consolida como um evento popular da cidade, recebendo mais de um milhão de visitantes, principalmente de escritores, professores, estudantes e acadêmicos, intelectuais, profissionais liberais, crianças, idosos, curiosos e pessoas em geral, que, nesses dias, vão até a Praça da Alfândega para tomar contato com os livros e tudo mais que a eles se relaciona.

A Feira incorporou uma magia que mantém um ritual todo especial, do primeiro ao último dia, com a sineta de inauguração; com as barracas organizadas em meio a árvores, jardins, ruas e prédios; os saldos de livros em que se acha de tudo; os palhaços para entreter as crianças; os corredores cheios de gente; e, também, o ar cultural do "bistrô" do MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul). Todas as vivências, propostas nessas práticas, são exemplos de apropriação do espaço da Praça, revivida a cada ano constituindo o imaginário de um Sítio Histórico animado, organizado e que possibilita uma interação entre o patrimônio edificado e as atividades de animação.

Em todos os relatos dos informantes, tanto dos artesãos quanto dos engraxates, o evento do Fórum Social Mundial é lembrado como um marco de mudança para o turismo na cidade, apresenta-se a fala do artesão Antônio:

*“Aconteceu aqui em Porto Alegre uma coisa muito maravilhosa que foi o Fórum Social Mundial, a imprensa anunciou muito, a cidade dos toldos, que ano passado ficou reprisando no SBT²⁰. Este evento trouxe pessoas do mundo inteiro, conseguiram fazer coisas tão boas que a cidade ficou conhecida, Porto Alegre é a capital mundial do Fórum Social, então o mundo veio até Porto Alegre. Foi fundamental pra preencher aquilo que faltava pra cidade. É uma pena que saiu daqui, eu gostaria que rolasse todos os anos, é claro que isto não é possível. É uma coisa que já tentaram fazer em outros países e não deu certo, por isto que eu digo que é uma coisa mística, dá certo aqui. Porque o Fórum Social Mundial, eu tive visitando, fizeram o evento literalmente dentro do banhado, dentro d’água, dentro do Guaíba, nas sobras da cidade e deu certo, e isto é incrível, são lugares que as religiões vão entregar as suas oferendas, foi onde surgiu a cidade dos toldos, é curioso isto”.*²¹

Um evento, que tem como alicerce a dimensão social, traz visibilidade para a urbe. Na compreensão da participação solidária de construção da proposta principal deste Fórum, que acredita que Um Outro Mundo é Possível, o encontro transpassa barreiras e fortalece o imaginário da cidade de Porto Alegre na diversidade étnica, de uma urbe da inclusão social, da participação popular e, porque não dizer, da preservação patrimonial que também constitui a cidadania.

²⁰ Sistema Brasileiro de Televisão, TV SBT Canal 05 de Porto Alegre.

²¹ Antônio, artesão, entrevista realizada em outubro de 2005.

O uso do espaço nesses acontecimentos programados aproxima os moradores do Sítio, tanto originários da zona norte, quanto da zona sul, ou ainda, das demais regiões da cidade e de seus arredores, porque tais sujeitos têm um motivo para se descolarem até esta área central.

Além dos eventos, o cotidiano da Feira e das bancas também possibilita o encontro entre os anfitriões e os visitantes, no momento da busca dos atrativos da Praça da Alfândega, do seu entorno, os visitantes se deparam com os anfitriões e com as suas práticas profissionais. Percebe-se que cada anfitrião tem a sua leitura deste encontro, mas todos reconhecem a importância do momento. Para evidenciar tais percepções, seguem as falas dos artesãos Isabel, Jaqueline e Antônio:

“Atendo também turista, trabalho mais por encomenda porque é uma característica do fio, as clientes querem produtos que combinem com a sua casa, etc... tenho muitas clientes e uma é especial, é uma turista da Itália que descobriu o meu trabalho a quatro anos atrás, e faz encomendas até hoje, aí ela pedi pra uma parente dela que mora aqui em Porto Alegre, que depois manda a encomenda pra Itália..Vem mais turistas no período de novembro a abril e depois em junho e julho, no último Fórum Social Mundial teve bastante movimento...”²²

“Não tem visitante que vem só pra visitar Porto Alegre, mas tem muito visitante que vem a congresso e que acaba visitando a Praça porque estamos cercados pelo MARGS, Santander, muitos visitantes, você vê pessoas que vem por uma atividade congresso, intercâmbios. Os visitantes querem informações sobre lugares para comer e às vezes a onde dormir. Perguntam sobre como se bebe e como se faz o chimarrão. Conheço os prédios do entorno, todos. Além dos da Praça tem o Mário Quintana, o Érico Veríssimo, tudo isto pertinho, e isto chama o visitante. Os turistas vêm o ano inteiro, esta semana tinha muitos argentinos e peruanos que vieram de intercâmbio”.²³

“Visitantes são pessoas do mundo inteiro, me tornei internacional por causa disto. Tenho peças bem confeccionadas em vários países do mundo, posso falar que vendi pra Portugal, pra Austrália, Estados Unidos, França, Espanha, todos os dias eu estou atendendo pra algum lugar do mundo, e elas vêm e participam. A principio, da Borges de Medeiros em direção ao Gasômetro, este é um lado místico da cidade e são poucas pessoas que conseguem sentir isto. Mas aqui não sobrevive qualquer tipo de atividade, você pode ver que o artesanato, os artistas, a cultura, a comunicação, e tudo aquilo que tá ligado diretamente a cultura mais expressiva da cidade rola por aqui... E isto chama o visitante, a pessoa mais esclarecida consegue perceber isto.”²⁴

Essas informações obtidas a respeito do encontro entre os visitantes e os anfitriões surpreendem, em especial com relação à criatividade na perenidade das formas de contato bem como pela riqueza da identificação da origem de tais visitantes e as suas necessidades.

²² Isabel, artesã, entrevista realizada em março de 2005.

²³ Jaqueline, artesã, entrevista realizada em outubro de 2005.

²⁴ Antônio, artesão, entrevista realizada em outubro de 2005.

Uma relação que dura, há pelo menos quatro anos, entre uma artesã da Feira de Artesanato e um turista da Itália, é um indicador da qualidade do trabalho de alguns artistas e da saudável relação estabelecida entre tais pares.

O trabalho do artesão Antônio está na vitrine do mundo quando o visitante adquire o artesanato, os artistas sentem-se valorizados e ligados com o mundo, isto está claro na já citada expressão: “*me tornei internacional*”. A diversidade de países presentes no relato do artesão surpreende e abre um canal de fonte de informação a respeito da origem dos visitantes na cidade, que não está contabilizada nas pesquisas formais dos órgãos gestores de turismo, cursos de turismo e demais entidades do *trade*.

Considerações finais

Os anfitriões são grupos historicamente constituídos, com os seus códigos particulares que dão conteúdo do Sítio Histórico por meio das suas práticas. Tanto o grupo de anfitriões artesãos quanto o dos engraxates expõem suas recordações a respeito da trajetória de apropriação do espaço do Sítio, e atribuem valores simbólicos a tais vivências a partir do relembrar. O relato das sociabilidades nos cafés, dos antigos nomes das ruas, como a tão citada Rua da Ladeira, das mudanças na configuração espacial da Praça, todos são fatos que correspondem a momentos que tais informantes testemunharam e compartilharam uns com os outros.

As práticas do encontro entre os visitantes e os anfitriões do sítio surpreendem pela criatividade na formas de contato, bem como pela riqueza da identificação da origem de tais visitantes e as suas necessidades. O resultado das práticas profissionais dos artesãos está na vitrine do mundo quando, por exemplo, o visitante adquire o artesanato local.

O turismo é propulsor de preservação e instrumento de aproximação da comunidade local junto aos seus referenciais contribuindo no resgate e na conservação da cultura local e recuperando os valores de caráter histórico dependendo da forma que for conduzido. Assim, as propostas de revitalização de sítios históricos devem contemplar em suas intervenções as práticas sociais, buscando na memória coletiva e no imaginário social as bases para a apresentação de um atrativo turístico, autêntico e hospitaleiro.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Alfredo. **Nós Somos da Praça: Feira de Artesanato da Praça da Alfândega**. Porto Alegre: Programa Monumenta, 2004.
- CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **Os domínios da Hospitalidade**. In: **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. DENCKER, A. de F. M. & BUENO, M. S. (Orgs). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (Orgs). **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- FERRARA, Lucrecia D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesq, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- PESAVENTO, S.J. **O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social**. In: Cultura Vozes. N.5. v.89. São Paulo, Vozes, 1995.